

Multilingüismo, vozes paralelas em espiral: línguas integradas ou cindidas ou, mais do que isso, línguas traduzidas

Lúcia Valquíria Souza Grigoletti¹

¹ Universidade Católica de Pelotas (UCPEL)

grigoletti@hotmail.com

Resumo: *Ciente dos inúmeros vértices que o trabalho possa contemplar a autora focaliza a tradução – imposição que resulta da incompletude de qualquer língua. Espaço (exotopia) e tempo (cronoptopia) do enunciado bakhtiniana é interligado ao silêncio que se apresenta na continuidade/descontinuidade do discurso. Em sua língua materna, a Psicanálise, a autora visualiza a tradução em três níveis: intrapessoal; interpessoal e transgeracional. Numa vivência relacional na intralingua, na interlingua e na translanguagem, que o conflito cisão X integração poderá na tradução, no microkairos, transformar-se em novos percursos de linguagem para o polilíngüe, o poliglota e o monolíngüe.*

Palavras-chave: multilíngüe; tradução; estrangeiro.

Abstract: *Knowing about the countless angle that the work could have the author focus at the translation – imposition resultant of incompleteness of any language. Space (exotopy) and time (chronotope) of the enunciation context introduced by Bakhtin is connected to the silence that occur at discontinuance/continuance of the discourse. On his own language, the psychoanalysis, the author see the translation in three levels: intrapersonal; interpersonal and transgeration. In a relation with intralanguage, interlanguage and translanguagem, the conflict between splitting and integration could, at translation, on microkairos, change into new language course to the polylingual polyglot, monolingual.*

Key-words: multilingual; translation; foreigner.

1. Introdução

Dando continuidade a um pensar desenvolvido desde 2000, sobre as vicissitudes que acompanham o **ser estrangeiro** num tempo e espaço hodierno, a autora propõe-se a um novo roteiro de viagem. Convida o leitor ou o ouvinte a se dispor, psiquicamente, a essa aventura. Espera que ao final, tenha sido uma profícua viagem, impulsionando a busca de novas rotas.

Pensar no estrangeiro é pensar no sujeito multilíngüe! Ser que expressa na língua a resultante do conflito contemporâneo: global versus local, os deslocamentos, os desvios e as pluralizantes identidades, efeitos da globalização. O empenho de alguns autores em caracterizar, por exemplo, o sujeito bilíngüe (BLOMFIED; HAUGEN; DIEBOLD, in: UYENO, 2003) ou o multilíngüe (LAMBERT, in: AMATI-MEHLER et al, 2005) lembra o mito de Babel. O decorrer do tempo histórico também aponta as diferentes

traduções: no início do séc. XX, a quem dissesse: “aquele que tem duas línguas perde sua alma”. Agora, porém, no séc. XXI, o multilingüismo é visto por alguns como uma forma de pluralidade discursiva conjugada em línguas diversas, que será reforçada e se tornará significativa através das diferenças de códigos, podendo reparar o não-dito na língua materna (AMATI-MEHLER et al, 2005).

No entrelaçamento de vozes em diferentes línguas – internas e externas; de mesmo ou diferente idioma – se harmoniza o enunciado de um sujeito por natureza dialógico e multilíngüe. Lembrando Melman (1992): somos bilíngües em nossa própria língua, em cada língua há um bilingüismo. O indivíduo multilíngüe enuncia numa segunda ou terceira língua, a partir de um espaço e tempo que fala sobre essa nova aquisição.

Numa tentativa remanescente de falar *uma mesma língua* e, ao mesmo tempo, ciente da *incompletude das traduções*, a autora do presente trabalho entende que, ao ingressar no mundo do multilíngüe, na condição de estrangeiro, se impõe a necessidade de conhecer melhor o *país da tradução*.

2. Contextualizando a tradução

2.1. Linguagem: o espaço de encontro entre o Eu e o Outro segundo Lévinas

Para Lévinas (2004), o Outro se revela Outro em seu rosto, mas manifesta ser infinitamente Outro pela sua palavra. A linguagem se torna, entretanto, apenas o espaço do encontro do Eu com o Outro. A linguagem não é mera experiência nem um meio de conhecimento de outrem, mas o lugar do Reencontro com o Outro, com o estranho e desconhecido do Outro. No diálogo, o sentido da palavra interpelante sempre escapa à hermenêutica do Eu que nunca conseguirá interpretá-la adequadamente. O Outro e sua palavra não podem ser reduzidos a uma Psicologia, Sociologia ou outro logos qualquer, sem serem desfigurados em seu rosto.

É na relação de face a face entre o Eu e o Outro, que se estabelece a proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do Eu pelo Outro, sem exigência de reciprocidade, pois se ela existir não se trata mais de uma relação *des-inter-essada*. Nessa responsabilidade constitui-se a subjetividade do sujeito. Esta fenomenologia da proximidade toca uma esfera que, na subjetividade, precede a intencionalidade, tendo uma trama espiritual anterior à consciência, ao saber e ao tempo rememorável, pois o primeiro movimento do homem não é a significação do mundo, mas o desejo. Se, no âmbito da consciência, é impossível ao homem sair de si mesmo, o real contato com a alteridade somente é possível a partir do desejo e da necessidade. Este desejo move o Eu e o Outro ao face a face, que se realiza como proximidade em uma relação interpessoal de responsabilidade aberta ao infinito. Tal desejo não se conclui no gozo, pelo contrário o desejado não satisfaz o desejo, mas o aprofunda.

Assim, ao emergir o rosto do Outro em meu mundo, desde que o Outro me olha, sou por ele responsável. Como vimos, é somente no exercício de tal responsabilidade que se estabelece a proximidade. Perante o Outro, a atitude humana é dizer: “Eis-me aqui!” Esta disposição de fazer alguma coisa por outrem, esta *dia-conia* é anterior ao *dia-logo*. O rosto, que emerge no mundo, simultaneamente nos pede e nos ordena, isto é, interpela-nos, solicita-nos na condição ética de nos ordenar. Contudo, por mais que o Eu assuma a sua responsabilidade pelo Outro, não se pode exigir reciprocidade, pois a

responsabilidade do Outro é problema dele. Ser responsável significa substituir-se ao Outro -- e talvez aí esteja, antropológicamente, o outro modo de ser. A justeza do Eu se dispor à palavra interpelante do Outro é julgada por um terceiro, mas a justiça somente tem sentido ao conservar o espírito do *des-inter-esse* que anima a idéia de responsabilidade pelo Outro.

Entendendo ser na linguagem o *re-encontro* entre o Eu e o Outro, cabe descortinar, com lentes de um binóculo, a vista panorâmica do multilíngüe estrangeiro que, no momento de habitar o espaço físico do Outro, vive a constante tradução – ou da palavra do Outro para sua língua, considerada materna, ou de sua própria palavra para a língua do Outro, considerada estrangeira. .

2.2. As diferentes faces do multilíngüe

O primeiro ponto a considerar é o referencial teórico utilizado para entender o multilingüismo, como causa de uma cisão no psiquismo do indivíduo ou como um sintoma, em que o processo de cisão explora os diversos registros lingüísticos: meio para organizar-se e exprimir-se. É nessa segunda modalidade, entendida na concepção kleiniana, de a cisão surgir como mecanismo de defesa frente à angústia da perda e à ansiedade do novo, que o presente trabalho será embasado. Esse referencial é adotado pela autora desde seu primeiro projeto investigativo sobre imigração (GRIGOLETTI, 2001).

Como segundo aspecto, é imprescindível contextualizar a condição do sujeito multilíngüe: se poliglota ou polilíngüe. Estes são dois momentos de vida muito distintos na constituição do psiquismo e, certamente, farão seu diferencial na resultante identidade. Enquanto o último (polilíngüe) teve acesso a mais de uma língua desde seu nascimento, as quais funcionam no nível de uma *interlingualidade materna*, para o primeiro (poliglota) a aquisição de outra ou outras línguas, ocorreu após a primeira infância e depois da língua materna. Torna-se necessário ao poliglota, segundo Amati-Mehler et al. (2005), adquirir novas vias associativas e de conexão entre sistemas de representações que antes não estavam disponíveis em seu psiquismo: o intrapessoal.

O terceiro a considerar é a relação com a língua materna, o afastar-se desta, “o desmame” e o aproximar-se da ou de outras línguas. Ele (o desmame) suscita intensa ansiedade e poderá ser vivido com mais, ou menos, culpa. Quando o sujeito se aparta da “língua materna” por ansiedades persecutórias, mantendo as línguas cindidas: enquanto uma é idealizada, a outra é considerada um objeto mau – posição esquizo-paranoide, segundo Klein (1921-1945/1996) – ele expressa, nas entrelinhas de seu enunciado, o conflito não resolvido mas sim, muitas vezes, atuado. Caso possa reconhecer a importância da língua materna para até mesmo tomá-la como ponto de referência diferencial da nova aquisição, portanto, caso se reconheça como dependente dela, assim como reconheça o valor da nova língua, movido pelo instinto de preservação, ele irá reparar os possíveis danos que imagina ter causado à sua língua materna, ao interessar-se por outras ou outra língua. Utilizando-se da sublimação, ele tende à resolução integradora de seu conflito. Logo, esse movimento psicoafetivo refere-se à outra posição de Klein (1921-1945/1996), denominada depressiva.

Se o transitar intrapessoal da língua materna para outras línguas for integrador, dificilmente será vivido de forma traumática. Dificilmente, pois o processo de *tradução*

não é vivido sem a presença de um outro, tem-se de levar em consideração se esse *re-conhecerá a tradução* do multilingüe. É ele quem irá legitimar a identidade do sujeito híbrido.

Portanto, como quarto aspecto, tem-se o mundo externo, o outro ou outros ou as circunstâncias que irão legitimar a identidade do sujeito multilingüe – o interpessoal. Assim como a mãe inaugura no psiquismo a língua materna, o outro, o grupo de acolhida, irá inaugurar as demais línguas ao exercer a *função de espelho* (ZIMERMAN, 1999) na nova aquisição. Este *re-conhecimento* pelo outro, teoria do vínculo do reconhecimento de Zimerman (1999), é vital para a manutenção da auto-estima e, mais do que isto, do sentimento de existir enquanto indivíduo. Segundo o autor referido, qualquer pensamento, conhecimento ou sentimento requer *re-conhecimento* pelos outros para adquirir uma existência, ou seja, para passar do plano intrapessoal para o interpessoal e vice-versa.

Dando seguimento, portanto, a essa visão caleidoscópica, é imprescindível ressaltar, como quinto aspecto, a **capacidade de tradução** do indivíduo no âmbito de sua constituição psíquica, a translanguagem. Fazendo parte desse aspecto, mas não sendo objetivo do presente trabalho e que somente será aqui citado, tem-se a diferença de identidade de gênero: segundo a neurociência, as mulheres apresentam maior habilidade lingüística do que os homens (HAUSMANN, 2005).

Como sexto aspecto, não menos expressivo, mas aqui não cabendo explorá-lo, pois se entende demandar um olhar bem mais focalizado, tem-se a diferença entre a tradução oral e a escrita. Para alguns autores, o conflito de quem *traduz por escrito* é maior do que quando fala. Segundo Coracini (2004), mesmo quando se escreve sobre o outro e o escritor se esconda nas formas da escrita objetiva ou ainda se escreva na primeira pessoa, fala-se do outro, do outro que nos constitui enquanto sujeitos. Refere a autora a Foucault quando diz: “escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”.

No presente trabalho, o foco desenvolvido é a tradução oral, no encontro face a face entre o estrangeiro e o outro.

3. A Tradução

3.1. Traduzindo a tradução

O fluxo cultural estabelecido entre as nações e os próprios indivíduos torna as identidades desvinculadas, desalojadas no tempo e no espaço, parecendo flutuarem livremente. Elas se evidenciam no discurso de uma espécie de língua franca internacional, em que todas as diferentes identidades podem ser traduzidas: homogeneização cultural (HALL, 2005). Sem deixar de considerar o movimento contraditório identitário – tradução versus tradição – ressaltado pelo mesmo autor, o foco, nesse momento, será na tradução. Etimologicamente do Latim, a palavra significa transferir, transladar.

Segundo Amati-Mehler et al. (2005), a tradução é um impositivo resultante da incompletude de qualquer língua. E é nessa incompletude – é impossível para um signo

de uma língua ocupar o mesmo lugar que ocupa na sua o signo com o qual é traduzido – que o conflito cisão X integração se desenvolve.

Isso é evidenciado também por Hall (2005), ao denominar de homens traduzidos todos aqueles pertencentes a culturas híbridas. Eles retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas são obrigados a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico. Eles não têm a ilusão de um retorno ao passado. Eles, produto das novas diásporas, deverão aprender a habitar, no mínimo, duas identidades – duas línguas culturais – a traduzi-las e a negociar entre elas.

Considerando essa modalidade de hibridismo como o extremo de uma escala multilingüe, pois fala de relações de poder, exílio – imposição de uma nova língua, impedimento de retorno às origens, espaço e tempo – a autora entende ser a tradução uma das formas mais expressivas e de acesso que se tem para identificar a resultante do conflito do multilingüe estrangeiro.

Segundo Benveniste (1989), ao traduzir, o sujeito enuncia e, na medida da sua enunciação – linguagem posta em ação e entre parceiros – se declara locutor, assumindo a linguagem. Ele implanta o outro diante de si, acentuando uma relação discursiva com esse outro real ou imaginário (monólogo), individual ou coletivo. Toda enunciação será uma alocação, pois postula sempre um alocutário.

Relacionar à *tradução* os conceitos de enunciado na concepção bakhtiniana, assim como de cronotopia e exotopia, se faz necessário nesse momento. O processo de enunciação/tradução do estrangeiro ocorre sempre em relação a um outro, alguém a falar de fora a língua do outro, priorizando tanto a criação individual quanto uma produção histórica, espaço temporal de onde várias histórias se criam e se contam (AMORIM, 2006; SOBRAL, 2005).

E aqui uma breve pausa da autora que, ao pensar em Coracini e Derrida, fica a meditar, diante de tantas leituras realizadas, sobre o que é *original* em seu pensamento e o que é *traduzido*? Mas lembrando Derrida (2006) ao diferenciar a tradução do original se tranqüiliza: é a oposição entre os termos que reconhece alguma originalidade à tradução. No *microkairos* do presente texto ela se percebe identificada com o lugar do estrangeiro, um lugar fronteiro. Lugar este, em vários momentos, ocupado conscientemente nos intervalos, nas pausas dos enunciados em construção.

Esse estar *entre* é muito bem abordado por Coracini (2007) ao discorrer sobre o tradutor e seus sentimentos daí decorrentes. Diz ela: “traduzir é o estar entre o desejo do conforto da determinação e a contingência desconfortável da indeterminação, terreno movediço onde os sentidos deslizam, escapam, adiando *ad infinitum* o tão desejado porto seguro e o desejo da totalização”. Pode este último ser *traduzido*, em Psicanálise (segundo a autora do presente trabalho) como o retorno do sentimento oceânico, origem do psiquismo de plenitude, quando ainda ignorava a presença de um outro que, inevitavelmente, se impôs e frustrou tal desejo.

Continuando a traduzir em uma linguagem Psicanalítica, pode-se dizer que a tradução de uma língua ocorre em três níveis: intrapessoal, interpessoal e transgeracional. Em outras palavras, primeiramente, na intralingua, o indivíduo traduz para si mesmo, utilizando-se de sua língua materna, acompanhada ou não do idioma que

inaugurou seu psiquismo. Na interlíngua, ele traduz para o outro – a tradução é sempre dialógica. Numa relação com a História da Humanidade tem-se a translíngua. Tomando o conceito de Nicolescu (1999), ela passa de geração em geração nas entrelinhas da comunicação não-verbal. Segundo o referido autor, será essa linguagem universal que possibilitará o diálogo entre todas as culturas. Está-se referindo a uma translíngua que fala da experiência da totalidade do ser, além de suas aparências; fala da capacidade de transitar em diferentes universos lingüísticos e da contínua transgressão de fronteiras.

Para Grigoletti (2007), o estrangeiro tem uma linguagem muito singular que ultrapassa o idioma. Assim como cada indivíduo tem “a sua língua”, pode-se dizer que existe “a língua do estrangeiro”, permitindo a este traduzir de uma cultura para qualquer outra, pela decodificação do sentido que liga as diferentes culturas. Dependerá, portanto, a *tradução* do modo como cada sujeito irá se estabelecer à integração simultânea desses três níveis – intra, inter e trans.

Para finalizar este item, cabe lembrar que a tradução é uma *forma de expressão* para Derrida (2006) e deve, de preferência, em um movimento de amor e quase no detalhe, fazer passar na sua própria língua o modo de intenção do original. E que o crescimento e o renascimento das línguas é infinito, sendo possibilitado pela tradução devido a suplementaridade lingüística pela qual uma língua dá à outra o que lhe falta, inclusive o próprio sentimento de distanciamento.

3.2. Tempo/ espaço em que ocorre a tradução

Outro aspecto a relacionar é o referencial **tempo na tradução**, aqui considerado na agoridade, no instante, o *microkairos* – momento transitório no qual algo acontece à medida que o tempo decorre – e em *kronos* – ponto em movimento no tempo em direção apenas a um futuro.

Nos subitens a seguir – tempo/espaço – os aspectos evidenciados servirão de *entourage*, ou seja, de contorno, de enquadramento para o que a autora se propõe a analisar. Toda aquisição de uma nova língua ocorre num tempo e espaço, portanto, falar no multilíngüe é referir-se a um sujeito iniciando-se em uma arte e, como toda arte, expressa em um tempo e um espaço.

Inicialmente, cabe lembrar ser o tempo uma invenção da mente humana e, segundo Stern (2007), no mundo de *kronos*, o instante presente é um ponto em movimento no tempo em direção apenas a um futuro. Enquanto se move em linha reta, em círculo ou em espiral devora o futuro e deixa o passado em seu rastro. Sem desconsiderar tal concepção, o referido autor ressalta a importância de *kairos*, o momento transitório no qual algo acontece à medida que o tempo decorre. Sugere, portanto, focalizar o momento, o *microkairos*.

Para tal análise, nada melhor do que o enunciado como pano de fundo. Primeiramente, tem-se de reconhecer que ele possibilita um caminho psicológico para ajustar a vida à realidade de *kronos* (antes, depois, de novo etc). Segundo, o enunciado está acontecendo no aqui e agora. A duração de um momento presente é a duração de uma frase. Esta é a menor aglomeração que nos fornece o máximo de significado para podermos entender-nos no mundo da linguagem.

Assim, segundo Stern (2007), a linguagem é o veículo para transpor a experiência para uma narrativa. A construção da narrativa envolve não apenas palavras, mas também experiências diretas existentes no domínio implícito. Três momentos presentes, paralelos, estão envolvidos: o momento de pôr na forma de narrativa verbal a experiência original; o momento presente criado no narrador durante a narração para alguém e o momento presente evocado no ouvinte durante a narrativa.

Tomando Bakhtin (AMORIM, 2006; SOBRAL, 2005) como referência: relacionar tempo, espaço e linguagem é evocar os conceitos de enunciação, exotopia e cronotopia. O estrangeiro é alguém a falar de fora (exotopo) a língua do outro: ao mesmo tempo em que, num primeiro momento, ao enunciar, tenta colocar-se no lugar desse outro, posteriormente, pode tirar proveito de sua exotopia temporal e cultural e compreender a língua estrangeira desvelando novos sentidos. “A cada novo tempo corresponde um novo homem”, diz o referido autor. A cada tempo se articula um espaço (cronotopo) e juntos formam uma unidade na qual se desenrola o enunciado.

Portanto, no grupo de acolhida, conforme complementa Bakhtin (BRAIT & MELO, 2005), o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não-verbal que integram a situação e, simultaneamente, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto a respeito de aspectos que antecedem esse enunciado específico, quanto ao projetado adiante por ele.

Assim, o tempo do estrangeiro é concebido como a dimensão do movimento, da transformação incessante e inevitável do enunciado. Essa grande temporalidade arremessa a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. Aqui, sentido não morre, é constantemente renovado e novos sentidos serão criados. Sintetizando: a exotopia prioriza a criação individual e a cronotopia, uma produção histórica, espaço temporal em que várias histórias se criam, se contam (AMORIM, 2006. SOBRAL, 2005).

Nesse movimento de criação individual e histórica constituinte do sujeito multilíngüe, cabe lembrar Silva (2000) quando refere que os atos de fala são atos de criação lingüística. Por meio destes se define a identidade (*mesmidade*) e a diferença (*outridade*), as quais somente ocorrem devido à intersubjetividade, uma condição essencialmente humana.

Logo, refletir sobre a aquisição de outras línguas exige uma contextualização não somente das competências do multilíngüe como da capacidade de quem acolhe essa *língua estranha*. Entre as duas mentes se processa um diálogo co-criativo contínuo, por Stern (2007) denominado de *matriz intersubjetiva*. Duas mentes criam o intersubjetivo mas, igualmente, a intersubjetividade dá forma às duas mentes. A participação na vida mental do outro cria um senso de sentir/compartilhar, com/compreender o outro, em particular, suas intenções e sentimentos.

Para o referido autor é de fundamental importância, nesse momento presente, nomeado por ele de agoridade, o compartilhar, a consciência intersubjetiva. As experiências entre o sujeito e o outro são distintas, mas semelhantes o bastante para, quando as duas experiências forem mutuamente validadas, emergir uma consciência de compartilhar a mesma paisagem.

No processo do multilíngüe é fundamental se estar consciente de dois aspectos aqui destacados:

- o *valor da agoridade* permeia o processo: o momento é mentalmente apreendido enquanto ainda se está desdobrando, portanto, o saber a respeito dele não pode ser verbal, simbólico e explícito. Estes atributos somente são anexados depois de o momento passar;
- na *intersubjetividade do presente* se encontram as bases motivacionais como ocorre no emergir da linguagem: o sujeito só fala com alguém por acreditar que este poderá compartilhar sua paisagem mental e agir de acordo com ela.

Ao ressaltar a influência da intersubjetividade no *microkairos*, não se tem a intenção de minimizar a importância do conhecimento explícito coletivo nem as experiências passadas mas, sim, focalizar um outro prisma de um mesmo objeto de estudos: a possibilidade co-criativa da experiência intersubjetiva/interlíngua entre o estrangeiro e o outro.

3.3. O silêncio na continuidade/descontinuidade da viagem

Falar sobre o silêncio na tradução do multilíngüe se faz necessário na medida em que ele (silêncio) dá tempo ao tradutor de transportar o significante de um tempo e/ou cultura para outro(a), possibilitando, assim, o entendimento das relações entre significante/significado em cada época e contexto implicados nessa troca. Às vezes, o silêncio, na condição de pausa, é identificado na fala do multilíngüe estrangeiro, exigindo do outro um aguardar, uma espera caracterizada pela descontinuidade da tradução mas que logo se rompe com a palavra traduzida, dando seguimento ao discurso.

Seguindo o pensamento de Anzieu (2000), cada indivíduo nasce e se desenvolve envolto em um envelope sonoro, audiofônico, e os primeiros sons contatados são os da voz materna e da cultura de origem. Esses sons serão aqui considerados na voz musicalizada (prosódia) e com suas devidas pausas. Portanto, será tomado como referência Kovadloff (2003) ao abordar a pausa na música. Entende o autor que essa modalidade de silêncio entre duas notas, dois momentos ou movimentos, remete a um antecedente e a um conseqüente. Está impregnado de tudo que o precede, de tudo que se desencadeará depois dele. Resume e prenuncia. Sintetiza e profetiza. Diz ele: “é mediação, mas é, ao mesmo tempo, totalidade”.

Na continuidade, a ação lingüística integra as descontinuidades em seu movimento e essa integração revela tratar-se de uma ação ritmo-semântica, na medida em que o jogo rítmico não se efetua sem, simultaneamente, atribuir sentido às peças que se movimentam e ao próprio movimento dessas peças. Ao organizar a atividade lingüística, o ritmo atribuirá significação àqueles fatos de sua matéria identificados como suas unidades constitutivas. Atribuindo-lhes sentido, ele as fará existir, provendo a alternância entre elas no curso dessa atividade, fazendo esse curso ser, ele também, provido de sentido.

Para Chacon (1998), o ritmo define o valor semântico das palavras, justamente pelas posições que os fatos do sentido (inseparavelmente ligados à matéria fônica das palavras) assumem ao se relacionarem entre si. O sentido se estabelece em função do ritmo, o sentido é rítmico.

Portanto, é na atividade discursiva que se desenvolve a produção de sentido, mas não só, pois se produz também, a emergência da subjetividade. O ritmo, entenda-se considerado pela continuidade/descontinuidade, pela pausa da palavra e presença sonora do silêncio, é subjetivo visto dar forma aos sentimentos e às emoções do indivíduo. Ao possibilitar a organização subjetiva da linguagem em processo, ele (ritmo) se mostra tanto na organização da atividade discursiva quanto no próprio produto dessa atividade: o enunciado.

A pausa, da mesma forma que o som, nos remete a algo, cujo peso, cujo significado, não nos passa despercebido, mesmo quando não sabemos defini-lo. (KOVADLOFF, p.91-92, 2003)

4. Conclusão

Como concluir diante de tantas paisagens que, a cada momento, se redimensionaram no transcorrer da viagem? Certamente, não será essa uma conclusão, a não ser concebida no *microkairos* da vida. Focalizando a questão central sobre o processo do multilíngüe, questiona-se: vozes paralelas em espiral: línguas integradas ou cindidas ou, mais do que isso, línguas traduzidas?

A começar pela experiência da própria autora que, ao realizar o percurso, se percebeu tendo de *transitar, transladar*, não somente entre a Linguística Aplicada (língua estrangeira) e a Psicanálise (língua materna), mas até nesta última, foi necessário *traduzir*, em distintos aportes teóricos, os diferentes ângulos do mesmo prisma. E foi construindo, nessa dimensão caleidoscópica, que se deparou com uma resposta, válida embora só por um instante (*microkairos*), para a questão motivadora.

Como foi possível visualizar, no processo do multilíngüe existem múltiplos aspectos a considerar e, dependendo do arranjo entre eles, múltiplas resultantes, nunca podendo ser esgotadas em um texto (tradução escrita) ou em uma palavra falada (tradução oral). Portanto, como primeira conclusão há múltiplos arranjos nos níveis intra, inter e transgeracional a serem ponderados para se chegar a resultante do conflito cisão versus integração. Dependendo dos arranjos entre os seis aspectos referidos e aqueles certamente existentes, mas que o olhar da autora não pôde alcançar, pode-se inferir o processo da resultante do conflito do multilíngüe.

Após esta primeira consideração, é necessário ressaltar a condição de tradutor do multilíngüe estrangeiro e de *tradução* ser uma imposição resultante da incompletude de qualquer língua (AMATI-MEHLER et al, 2005; DERRIDA, 2006; CORACINI, 2007). Porém, se refletirmos, todo ser humano é um tradutor: o poliglota, o polilíngüe ou o monolíngüe. Todos nós, como diz Melman (1992), somos bilíngües em nossa própria língua, em cada língua há um bilingüismo. Sendo bilíngües, somos, inevitavelmente, tradutores e traduzidos.

Entende-se *ser na falta, na incompletude, no intervalo da tradução, que o ato criativo do enunciado se faz representar* seja pela integração ou pela cisão.

Para ocorrer a tradução, faz-se essencial a identificação e, como diz Silva (2000) sobre o conceito de *différance*, há sempre, na identificação, um demasiado ou muito pouco, uma sobre determinação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Isso é reforçado por Kristeva (1994): por mais que se sinta parecido com um deles, o estrangeiro jamais será um nativo.

Portanto, será na *différance*, no intervalo da tradução, que todo indivíduo seja ele monolíngüe, polilíngüe ou poliglota, viverá a angústia frente à *perda da conhecida* e constituinte *língua materna* e a ansiedade persecutória frente à aquisição da *desconhecida língua estrangeira*.

Retomando o ponto de separação da primeira língua referida, Klein (1936 / 1996, p.330) ao falar sobre “o desmame” diz: “... *quando este é bem sucedido, ele dá um impulso positivo para a aceitação de substitutos e a busca mais ampla de novas fontes de gratificação*”.

Ao desvincular-se, o *desmamar*, da língua materna, desde o *mamalhês* até o idioma nacional, o sujeito sente-se culpado, pois teme tê-la destruído. Frente ao temor de ter perdido aquilo que o reconhece como ser existente – ao denominar-se Eu, o sujeito inaugura em seu psiquismo a condição de existir – sente a perda como uma punição pelo ato terrível cometido – *abandono da língua materna e aquisição de uma nova língua*. Ao sentir culpa, procura repará-la, pois *reconhece* sua dependência àquela que o constitui enquanto sujeito, mas também se diferencia dela. Numa tentativa de resolver o conflito, integra a parte que se identifica àquela que se diferencia, podendo ter consciência de um conviver harmonioso entre elas. Nesse momento Klein identifica a posição do sujeito, não mais esquizo (cisão) - paranóide (sentimentos persecutórios), mas depressiva (sentimento de dependência e culpa diante do objeto materno que levam a reparar e posteriormente a integrar, a sublimar e a produção criativa). Esta última posição, se pode dizer ser ela a responsável pela aquisição da língua subjetiva, resultante que o indivíduo constrói a partir da integração entre a língua materna e a estrangeira, considerada exotópica e cronotópica no *microkairos*.

Integrando-se ao intrapsíquico, o interpessoal – a relação com o outro, o *vínculo de re-conhecimento do outro* – pauta a resultante, pendendo para cisão ou para a integração do multilíngüe. Entre este e o grupo de acolhida, quem traduz quem? O grupo de acolhida também é um tradutor.

Esta interação entre o tradutor e o traduzido é que, dependendo da visão caleidoscópica, alterna as imagens sobre cada um deles e possibilita a ambos os sujeitos, uma vivência até certo ponto paradoxal: quanto mais se aproximam da língua estrangeira, tanto o tradutor quanto o traduzido, mais *re-significam* e se vinculam à língua materna, pois *des-cobrem* e *re-descobrem* na *différance* sua própria língua, podendo *co-construir* um apego mais seguro com ela.

Bowlby (1990), em sua teoria do apego, traduz a importância da língua materna, neste caso, a autora do presente trabalho entende seja o idioma ou o *mamalhês*: só nos separamos daqueles a quem estivemos fortemente vinculados.

Portanto, para o multilíngüe transladar, de forma integrada, em outra, ou outras línguas, é necessário um vínculo seguro à *língua materna*. Simultaneamente, será na *agoridade*, na *différance*, que irá co-construir, junto ao outro, sua língua subjetiva e *des-*

cobrir sua competência na translanguagem, ao *traduzir e traduzir-se e ao transmitir a transmissão* em qualquer língua. Co-escrevendo e inscrevendo sua história em uma outra língua e em outro contexto de linguagem, resgata sua competência de natureza individual – instinto epistemofílico (desejo de conhecer) e escopofílico (desejo de ver) – e social (ser de interação e narração). Numa relação de interinfluência com o meio, permite também o renascimento infinito das línguas.

Assim, *des-cobre* a própria competência de transitar, de transformar-se e historicizar-se como sujeito autônomo em seu saber implícito: competência para comunicar-se nas três mil línguas faladas por 200 Estados politicamente individualizados.

Línguas interinfluenciadas/traduzidas, paralelas e em espiral!

5. Referências e Citações

AMATI-MEHLER, J., ARGENTIERI, S., CANESTRI, J. **A babel do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia In: BRAIT, B. (org.), **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. & MELLO, R. Enunciado, enunciado completo e enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CORACINI, M J. (org.) **Identidade e discurso**.Campinas:UNICAMP, 2003.

_____. Sujeito, identidade e arquivo. Entre a impossibilidade e a necessidade de dizer (-se). In: **Seminário Internacional Michael Foucault: perspectivas**. Florianópolis/SC; 2004.

_____. **A celebração do outro**. São Paulo: Mercado das Letras, 2007.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GRIGOLETTI, L. Relação vincular entre a criança de 1 a 3 anos e a mãe imigrante. In: **Congresso Latino-Americano de migração e inserção social e sua influência na estrutura psíquica**. Camboriú/SC; 2001.

GRIGOLETTI, L. **A identidade trans do estrangeiro**. Pós-Letras/Doutorado/UCPEL; 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HAUSMANN, M. Questão de simetria. In: **Viver: mente e cérebro**. XIII, n.146; março 2005; ed Duetto; p. 40-45.

- KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KOVADLOFF, S. **O silêncio primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- LÉVINAS, E. **Entre nós**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Escuta, 1992.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- SOBRAL, A. Ético e o estético In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. HALL, S. & WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- STER, D. **O momento presente: na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- UYENO, E. Determinações identitárias do bilingüismo: a eterna promessa da língua materna. In: CORACINI, M.J. **Identidade e discurso**. Campinas: Unicamp, 2003.
- ZIMERMAN, D. Vínculos: o vínculo do reconhecimento. In: ZIMERMAN, **Fundamentos psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed. 1999.